



GESTÃO PEDAGÓGICA EM COMUNIDADES VIRTUAIS ORIENTADAS PARA A APRENDIZAGEM: A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR MEDIADOR

Marcelo Pupim Gozzi¹

Universidade Nove de Julho – UNINOVE, Brasil

Resumo

As novas tecnologias da comunicação e informação, em especial, a Internet, têm favorecido a oferta de cursos a distância *on-line*. Por outro lado, cada vez mais aumenta a procura por esses cursos – seja pela dificuldade de disponibilidade espaço-temporal para o estudo, seja pelo aculturamento digital cada vez mais presente na atual sociedade. Quando desenvolvidos dentro de uma abordagem colaborativa, os participantes desses cursos devem ser estimulados a interagir no ambiente virtual, com o intuito de desenvolver a aprendizagem de modo coletivo. Muitas vezes, ocorre a formação de comunidades virtuais de aprendizagem nesse contexto. O agente estimulador dessas interações é o professor, na função de mediador pedagógico *on-line*. Uma comunidade virtual orientada para a aprendizagem, quando mediada pedagogicamente por um professor, pode ser desenvolvida em cursos a distância *on-line* para favorecer o processo educacional. Esse trabalho vem discutir, por meio de uma pesquisa bibliográfica, o conceito e a importância do desenvolvimento pedagogicamente orientado dessas comunidades em cursos *on-line*, bem como a necessidade de formação de professores mediadores capazes de mediar adequadamente as interações, com o objetivo de promover a aprendizagem. Os professores que desejarem atuar em cursos nessa modalidade educacional devem desenvolver competências que, quando associadas às básicas da docência, os tornem capazes de promover a interação e a colaboração *on-line*, bem como a constituição de comunidades virtuais orientadas para a aprendizagem.

Palavras-chave: comunidade virtual; mediação *on-line*; formação do professor.

¹ Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atualmente é Coordenador de pós-graduação *lato sensu*; Professor de ensino superior na Universidade Nove de Julho – Uninove e Técnico em Planejamento e Gestão na Fundação do Desenvolvimento Administrativo – FUNDAP. E-mail: mgozzi@fundap.sp.gov.br



EDUCATIONAL MANAGEMENT IN LEARNING ORIENTED VIRTUAL COMMUNITIES: THE IMPORTANCE OF MODERATOR-TEACHER TRAINING

Abstract

New technologies of communication and information, in particular the Internet, have favored the provision of online distance learning courses. On the other hand, the demand for these courses is increasing – its causes are the difficulty of space-time availability for study and the increasing digital acculturation in contemporary society. When developed in a collaborative approach, the participants in these courses should be encouraged to interact in the virtual environment, in order to develop learning in a collective way. Often, there is the formation of virtual learning communities in this context. The stimulating agent of these interactions is the teacher, a moderator in online teaching. A learning-oriented virtual community, when pedagogically moderated by a teacher, can be developed in online distance learning courses in order to favor the educational process. This paper discusses, through a literature search, the concept and importance of developing pedagogically-oriented online courses in these communities, as well as the need for training of moderator teachers who are capable of moderating interactions properly, in order to promote learning. Teachers who wish to operate in this mode of education courses should develop skills that, when associated with basic teaching, make them able to promote interaction and online collaboration, and the formation of learning-oriented virtual communities.

Keywords: virtual community; online moderation; teacher training.

GESTÃO PEDAGÓGICA EM COMUNIDADES VIRTUAIS ORIENTADAS PARA A APRENDIZAGEM: A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR MEDIADOR

A facilidade de acesso às informações, viabilizada pelas redes de computadores e pela Internet, é fundamental para a sobrevivência dos estudantes e profissionais na atual sociedade. Os meios de comunicação, favorecidos pelo avanço tecnológico, têm aproximado as pessoas, proporcionando-lhes uma capacidade de conexão com os semelhantes no caminho da troca de informações e, conseqüentemente, da aprendizagem através da construção de conhecimentos. Dainezi diz que

[...] para progredir, o homem moderno deverá adotar o paradigma da coletividade, em substituição ao da individualidade. Sozinhos estaremos limitados a nossos parcos conhecimentos; juntos, porém, seremos força motriz capaz de superar e vencer qualquer desafio. (DAINEZI, 2004, p. 26)



Estamos numa sociedade caracterizada pela valorização do conhecimento, cuja construção é favorecida pelo compartilhamento, pela troca de informações, que sugere a coletividade como meio para buscar a aprendizagem. O homem tem percebido a necessidade de desenvolver o senso de coletividade em busca da construção do conhecimento, através do acesso e disponibilidade de informações que, quando compartilhadas, associadas às experiências, formações e valores de cada indivíduo, propiciam boas condições para a aprendizagem. Angeloni (2003, p.XV) afirma que “conhecimento não é sinônimo de acúmulo de informações, mas um agrupamento articulado delas por meio da legitimação empírica, cognitiva e emocional”.

A nova sociedade tem exigido, portanto, que as pessoas tenham facilidade para trabalhar em equipe, para articularem-se com outras pessoas. Conforme Belloni (2001), todos devem atuar e aprender constantemente em grupo, apoiados na colaboração e em estruturas pouco hierarquizadas. As tecnologias de informação e comunicação, em especial a Internet, têm favorecido essas interações entre as pessoas na medida em que diminuem a distância espaço-temporal através da viabilidade de acesso e integração de pessoas dispersas geograficamente, em instantes diferenciados, através das possibilidades de se estabelecer formas de comunicação assíncronas.

As novas tecnologias da informação e comunicação têm sido grandes aliadas das pessoas, que encontram facilidades para encontrar e trocar informações nos ambientes digitais, viabilizadas, especialmente, pelo acesso à Internet. Segundo Ozaki e Vasconcellos (2008),

[...] as tecnologias da informação e comunicação (TICs) permitem que hoje a informação seja facilmente captada, armazenada, processada, copiada, enviada e disponibilizada de forma digital. As tecnologias digitais é que tornam viável a convivência, manipulação, localização e usufruto dessa enorme quantidade de informação hoje existente. (OZAKI e VASCONCELLOS, 2008).

Numa leitura de Levy (1999) acerca das navegações por meio das redes de computadores, podemos entender o sentido da facilidade citada como proveniente do acesso, principalmente à Internet. Esse autor diz que

[...] pessoas sem nenhum conhecimento de programação podem usar as funções de correio e de conferência eletrônica, ou consultar um hiperdocumento a distância dentro de uma mesma rede. Geralmente basta saber clicar nos botões corretos ou escolher as operações que se quer efetuar em um “menu” ou, na pior das hipóteses, digitar alguns comandos que são rapidamente decorados. (LEVY, 1999, p.106)

Para mostrar a representatividade da grande rede no contexto das facilidades de comunicação trazidas pelas TICs, Kenski escreve que a Internet é um fenômeno tecnológico que interliga as pessoas no mundo, para os mais

diferenciados fins, tais como: “fazer negócios, trocar informações e experiências, aprender juntas, desenvolver pesquisas e projetos, namorar, jogar, conversar, enfim, viver nossas vidas, que podem ser partilhadas em pequenos grupos ou comunidades, virtuais” (KENSKI, 2007, p.33).

Com a facilidade de acesso às TICs, as pessoas têm conseguido se agrupar com interesses diversos, utilizando a Internet e os ambientes virtuais, criando as redes que “são articulações gigantescas entre pessoas conectadas com os mais diferenciados objetivos” (KENSKI, *ibid*, p.34). Segundo Passarelli, “redes são pessoas que anseiam por conversar, se apresentar, compartilhar conhecimentos tácitos, pensamentos críticos, conhecimentos científicos ou se unir para alcançar maior influência” (PASSARELLI, 2009, p.325). Considerando a Internet e os ambientes virtuais, as redes se constituem por pessoas que acessam bases digitais de informações e sistemas disponíveis por meio das tecnologias de informação e comunicação, com motivos e interesses variados, na busca da interação.

As pessoas conectadas em redes têm oportunidades de se agrupar em busca de objetivos comuns. Dependendo das características desse agrupamento, podemos dizer que essas pessoas podem vir a constituir comunidades. Segundo Illera,

[...] as comunidades, virtuais ou não, são sempre organizações temporais, coesas mas multi-nível, tanto pelos interesses individuais (o tema em torno do qual gira a comunidade), como pelo enquadramento institucional e social em que ocorrem. Em qualquer caso, tudo depende de considerarmos que uma comunidade é uma entidade que pode ser descrita, com características reconhecíveis e em que o seu aspecto estrutural é determinante, ou, então, como uma entidade com valor fundamentalmente simbólico, de estabelecimento de limites, e por isso intencional, devendo ser descrita também a partir de dentro da experiência de seus participantes. (ILLERA, 2007, p.118)

Dentre as características de uma comunidade, cabe ressaltar as destacadas por este autor, como: são organizações temporais, coesas, multi-nível; sua tensão é mantida pelos interesses individuais ou pelo enquadramento institucional e social em que ocorrem; pode ser caracterizada pelo seu aspecto estrutural ou simbolicamente, pela sua intencionalidade.

Ávila (1975) acrescenta à relação de características de uma comunidade: a existência de meios que permitam o contato direto entre os seus membros; a existência de uma visão, uma meta, que mantenha a coesão interna desta comunidade; a percepção e aceitação consciente por parte de seus membros de que existam interesses e metas comuns que somente podem ser atingidas com colaboração e ajuda mútua.

Recuero (2008) identifica outras características das comunidades, como: sentimento de pertencimento; territorialidade; permanência; ligação entre o sentimento de comunidade, caráter corporativo e emergência de um projeto comum; existência de formas próprias de comunicação.

Grossman et al. (2001), ao desenvolver uma pesquisa em uma comunidade presencial de professores, verificaram que os relacionamentos próximos e respeitosos e uma estrutura social estável caracterizavam a comunidade estudada. O modelo de comunidade observado por estes pesquisadores permitiu identificar quatro dimensões importantes para a sua caracterização:

- formação da identidade do grupo e suas normas de interação;
- capacidade de entender as diferenças pessoais, respeitando os limites individuais;
- existência de um elemento que mantém a tensão na comunidade;
- desenvolvimento da responsabilidade coletiva pelo desenvolvimento e crescimento individual.

Esses autores constataram que durante o desenvolvimento da comunidade presencial estudada houve uma evolução em cada uma dessas dimensões, em função do amadurecimento e desenvolvimento de cada um dos seus membros, que aprendem a agir de modo coletivo, com foco em interesses comuns, não somente individuais. A mesma evolução nestas quatro dimensões foi pesquisada por Gozzi e Mizukami (2007), no âmbito de uma comunidade virtual, onde foi percebida a formação e a evolução gradativa da comunidade, olhando por estas quatro dimensões. Apesar de verificar a possibilidade de caracterizar a comunidade virtual através do olhar pelas mesmas dimensões, vale ressaltar que a evolução da comunidade virtual em relação à evolução da comunidade presencial apresentou algumas diferenças, ocorridas pela principal característica desta comunidade: o distanciamento espaço-temporal entre seus membros.

Rheingold (1994) afirma que da rede surgem agregados sociais denominados comunidades virtuais, mediante a continuidade de discussões públicas por um tempo suficiente, acaloradas por sentimentos humanos, vindo a constituir no espaço cibernético algumas redes de relações pessoais.

Segundo Recuero (2008), a interatividade, a permanência e o sentimento de pertencimento são características essenciais das comunidades virtuais, sendo seus participantes capazes de construir relações sociais, construídas no tempo em que permanecem juntos, através da comunicação mediada por computador, sem o contato físico, fazendo com que se sintam elementos pertencentes a essa comunidade.

O sentimento de pertencimento à comunidade virtual é fundamental para que ela exista. Nesse sentido, conforme Rheingold (ibid), deve existir emoção suficiente nos relacionamentos entre os participantes de uma comunidade virtual, que é desenvolvido e estimulado pelo tempo de permanência das interações entre esses elementos.

A fronteira entre o conceito de comunidade virtual e comunidade virtual de aprendizagem é muito tênue. Segundo Gozzi et al.,

[...] as trocas ocorridas em quaisquer comunidades virtuais podem gerar aprendizagem para seus usuários, não sendo fácil

a delimitação de uma fronteira entre comunidades virtuais e comunidades virtuais de aprendizagem. Se tomarmos a intencionalidade como parâmetro, podemos destacar que as comunidades virtuais de aprendizagem são aquelas que estão a serviço de cursos ou disciplinas realizadas a distância, pela Internet. (GOZZI et al., 2008)

Isso significa que a diferença entre estes dois conceitos é a intencionalidade que caracteriza a formação da comunidade virtual. Quando existe a intenção de aprender de forma coletiva, seja em um curso, para desenvolvimento profissional ou pessoal, dizemos que a comunidade constitui uma comunidade virtual de aprendizagem.

Porém, sabemos que existem diversas formas de aprendizagem e uma diversidade enorme de coisas a se aprender durante nossa existência. Aprendemos através da interação com o mundo, mesmo em situações onde não exista, a princípio, a intencionalidade de aprender. Podemos aprender, por exemplo, em momentos de lazer, ao observarmos a natureza, ao convivemos com um animal de estimação ou com um ente familiar. Aprendemos convivendo com nossos amigos, no nosso dia-a-dia.

Segundo Freire,

[...] mulheres e homens, somos os únicos seres que, social ou historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE, 1996, p.69)

Como seres “aprendentes”, as pessoas constroem e reconstróem durante toda sua vida, convivendo, vivendo em sociedade. Freire (ibid) complementa seu pensamento sobre a relação entre o ensino e a aprendizagem dizendo que esses processos são possíveis quando existem dois ou mais sujeitos, onde um aprende, ensinando, e outro ensina, aprendendo. Dessa forma, convivendo, as pessoas estão constantemente em processo de ensino e aprendizagem, vez que em cada ação existem elementos passíveis de serem ensinados e, com as reações a essas ações, através das interações, surgem elementos a serem aprendidos. Estando vivos, portanto, estamos em constante processo cíclico de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, viver em comunidade significa estar em constante processo de ensino e aprendizagem, mesmo sem haver a intencionalidade de aprender. Em toda comunidade, inclusive as virtuais, o processo de aprendizagem é permanente, mesmo quando esse processo não foi previamente planejado. Quando planejada para a aprendizagem, mediante a intencionalidade de desenvolver um processo de aprendizagem de elementos bem definidos, como em um curso, por exemplo, a comunidade virtual pode ser denominada de comunidade virtual orientada para a aprendizagem. Essa

orientação presume a intenção de aprender algo com objetivo definido através das interações entre as pessoas em uma comunidade virtual.

Quando existe a intenção de aprender, a comunidade virtual deve ser didaticamente orientada, em busca dos objetivos e metas a serem atingidos no processo de aprendizagem. Neste caso, a orientação didática envolve a preparação do ambiente virtual, das pessoas que irão interagir nesse ambiente, a preparação do material e das propostas a serem desenvolvidas durante a vida da comunidade, com base nas teorias da aprendizagem e nos elementos didáticos capazes de orientar o processo cíclico de ensino e aprendizagem para os seus objetivos.

Não se trata de usar a comunidade para ministrar um curso, ou criar uma comunidade para o seu desenvolvimento. A proposta é reunir pessoas interessadas em discutir um tema, agrupando-as em um ambiente virtual didaticamente preparado para recebê-las e para o desenvolvimento de atividades didaticamente preparadas com a intenção de aprender sobre o tema proposto. Dessa forma, desenvolvendo o sentimento de pertencimento a esse grupo, garantindo a permanência dessas pessoas no ambiente virtual, que deve ter um bom potencial para a interação, estamos prestes a constituir uma comunidade virtual orientada para a aprendizagem. Para que isso seja possível, as pessoas devem estar predispostas a compartilhar e socializar experiências, vivências, práticas, teorias, valores, crenças e conhecimento, com orientação didática de um mediador.

Considerando processos de ensino e aprendizagem, especificamente em cursos na modalidade a distância mediados por computador e Internet, Valente (1999) afirma que o professor deve se colocar no papel de facilitador da construção do conhecimento, agindo como mediador no processo de construção do conhecimento desencadeado pelos participantes, fazendo do aprendiz um elemento ativo neste processo. Segundo Masetto (2000), o professor, na condição de mediador em um ambiente virtual, deve assumir que o aluno é o centro do processo educacional, sendo parceiro e co-responsável pelos resultados em termos de construção do conhecimento.

Fazendo uma analogia entre o processo educacional *on-line* e o processo de aprendizagem desencadeado em uma comunidade virtual orientada para a aprendizagem, o mediador com intencionalidade didática que guia a aprendizagem na comunidade citada, assume características muito semelhantes às da mediação pedagógica que, segundo Masetto (2003) é a atitude fomentadora das boas relações nos processos de ensino e aprendizagem em um processo educacional. A mediação pedagógica é definida por Masetto como

[...] a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador e incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem. (MASETTO, *ibid*, p.48)



Segundo Behrens (2000), o papel de mediador pedagógico pode ser desempenhado por qualquer participante de um curso *on-line*, vez que essa atitude e esse comportamento voltado para a facilitação e motivação podem ser desencadeados por um aluno que se relaciona com outro. Moraes (2003) reforça essa ideia quando afirma que a mediação pedagógica não está centrada unicamente no professor, pois o aluno tem o mesmo grau de importância nesse processo, já que todos os participantes da comunidade de aprendizagem são coautores e coprodutores nesse ambiente virtual. A importância da interação entre alunos é reforçada por Masetto (2003, p.55), que afirma que “conhecemos muitos alunos que apresentam dificuldade de aprender com seus professores e acabam aprendendo com as explicações de seus colegas”.

Analogamente, considerando que uma comunidade virtual orientada para a aprendizagem é constituída por participantes com interesse pela temática e vontade de ensinar e aprender, podemos afirmar que o papel de mediador pode ser assumido por diversos participantes, em etapas diversas da vida dessa comunidade, devendo o mediador com intencionalidade didática acompanhar e gerenciar todo o processo, nem sempre como interventor e centralizador das ações, mas como elemento de ajuste de desvios da aprendizagem, quando estes ajustes se fizerem necessários.

Retomando o conceito de mediação pedagógica apresentado por Masetto (2003), onde ele caracteriza o mediador como uma ponte rolante entre o aprendiz e o aprendizado, podemos refletir sobre as diversas dimensões e variáveis características desta ponte, capazes de auxiliar na definição de ações didáticas a serem atribuídas aos mediadores que possam vir a orientar uma comunidade virtual para a aprendizagem em torno de uma temática e na busca de objetivos bem definidos.

Ao aprofundarmos as reflexões sobre a analogia do processo de mediação com a ponte que conecta o aprendiz com sua aprendizagem, podemos considerar alguns aspectos relacionados com as condições físicas e ambientais da ponte, as condições psicossociais das pessoas que trafegam por essa ponte, bem como as condições das informações que essas pessoas fazem trafegar através dela.

Nesse sentido, surgem as seguintes questões que, quando respondidas, podem nos ajudar a entender o processo de mediação com intencionalidade didática, voltada para a aprendizagem, no contexto das comunidades virtuais:

- quem está na ponte?
- qual a densidade de pessoas na ponte?
- essa ponte tem abrigos, como coberturas, por exemplo?
- essa ponte é adequadamente e suficientemente iluminada?
- qual a temperatura da ponte?
- qual a altura da ponte?
- existem proteções contra queda?
- e as condições do piso?

- a capacidade da ponte é adequada e suficiente para o tráfego esperado de pessoas?
- essa capacidade suporta, também, toda a bagagem que essas pessoas carregam enquanto fazem sua travessia?

Isso sugere que o mediador que atuará em uma comunidade virtual orientada para a aprendizagem deve conhecer as características individuais dos participantes da comunidade, a quantidade de participantes, os caminhos e os canais e os recursos tecnológicos disponíveis, os recursos do ambiente virtual que dará apoio ao desenvolvimento da atividade e as condições de segurança e confiabilidade de todo o sistema onde irá atuar. Somente com esse conhecimento, o mediador pedagógico conseguirá definir quais serão os instrumentos, ferramentas, teorias, técnicas e práticas mais adequadas a serem aplicadas para viabilizar a concepção, o desenvolvimento e a manutenção de uma comunidade virtual didaticamente orientada para a aprendizagem.

Dessa forma, o mediador com intencionalidade didática deverá atuar como um gerente de um processo voltado para a construção do conhecimento.

Atualmente, vem ampliando a quantidade de profissionais de educação e de áreas afins que buscam capacitação e qualificação para uma atuação responsável e segura no projeto, desenvolvimento e ação docente em cursos EaD *on-line*, no Brasil. Alves (2009) registra que, para os profissionais que atuarem nessa área com excelência em termos de qualidade e competência, o mercado da EaD *on-line* é muito grande e bastante promissor.

Mantendo o foco nas ações do profissional que atua como docente no ambiente *on-line* de educação a distância, ou seja, o professor mediador, podemos afirmar que é necessário seu desenvolvimento e capacitação para a aquisição de competências que favoreçam sua atuação em cursos *on-line*, com vistas ao desenvolvimento de comunidades virtuais orientadas à aprendizagem.

Oliveira e Lima (2009) afirmam que o grande avanço na área da educação a distância, proporcionado pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), exige esse novo tipo de profissional: o professor tutor. Segundo eles, surge a necessidade de formar e desenvolver esse profissional para atuar em cursos *on-line*.

Assim, o tutor é o professor online e mais do que domínio de um conteúdo ou de técnicas didáticas, precisa ter a capacidade de mobilizar o grupo, sob sua responsabilidade, em torno de sua própria aprendizagem. (OLIVEIRA e LIMA, 2009, p.18)

Portanto, considerando o contexto da educação *on-line*, o professor deve desenvolver competências que, quando associadas às básicas, o torne capaz de promover a interação e a colaboração, elementos importantes na maioria dos ambientes de trabalho, com expectativa de tornarem-se mais ativos no futuro. Nesse sentido, o professor deve desenvolver o conhecimento



e habilidades em uma cultura baseada em novos níveis de investigação, cooperação, conexão, integração e síntese (LIVINGSTON, 2010). Isso favorece a mediação docente a distância *on-line* em comunidades virtuais orientadas para a aprendizagem, processo que envolve as ações no meio em que acontecem as interações entre seus participantes, geralmente alunos de cursos *on-line*.

Referências bibliográficas

- ALVES, João Roberto Moreira. A história da EaD no Brasil. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (orgs.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- ANGELONI, Maria Terezinha (org.). **Organizações do conhecimento: infra-estrutura, pessoas e tecnologia**. São Paulo: Saraiva, 2003.
- ÁVILA, Pe. Fernando Bastos. **Pequena enciclopédia de moral e civismo**. 2.ed. Brasília: Fename, 1975.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- DAINEZI, Silvia Helena Hernandez. Transformações no ambiente corporativo – uma nova realidade. In: SOUZA, Ieda Neres de (org.). **O profissional do século! Um novo perfil e desafios impostos pelo mercado de trabalho atual**. São Paulo: Scortecci, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOZZI, M. P.; MIZUKAMI, M. G. N. Comunidade virtual versus comunidade presencial – uma visão em quatro dimensões. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v.4, p.01-100, 2007.
- GOZZI, M. P.; CARVALHO, J. S.; FARIAS, C. R.; GOMES, A. B.; GARCIA, P. S.; MORENO, E. R. Comunidades de aprendizagem – uma vivência no ensino de pós-graduação. In: **14º CONGRESSO INTERNACIONAL ABED DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**, 2008, SANTOS. Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/513200874332AM.pdf>, acessado em 28/10/2008.
- GROSSMAN, P.; WINEBURG, S.; WOOLWORTH, S. Toward a Theory of Teacher Community. **Teachers College Record**, Columbia, v.103, nº. 6, p. 942-1012, Dec 2001.



ILLERA, J. L. R. Como as comunidades virtuais de prática e de aprendizagem podem transformar a nossa concepção de educação. **Revista de Ciências da Educação**. No.3, maio/agosto. 2007.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIVINGSTON, Larry. Teaching creativity in higher education. **Arts Education Policy Review**, California, v. 111, p.59-62, 2010.

MASETTO, Marcos Tarciso. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MORAES, M. C. Tecendo a rede, mas com que paradigma?. In: MORAES, M. C. (Org.). **Educação a distância: fundamentos e práticas**. São Paulo: Campinas, Nied – Unicamp, 2003. p. 1-25.

OLIVEIRA, Carmen Lúcia de Araújo Paiva; LIMA, João Geraldo de Oliveira. Tutoria online no programa de formação continuada de professores em mídias na educação. **Debates em Educação**, v. 1, n. 1, jan./jun. 2009.

OZAKI, A M.; VASCONCELLOS, E. A revolução digital. In: POLIZELLI, D. L.; OZAKI, A. M. **Sociedade da Informação: os desafios da era da colaboração e da gestão do conhecimento**. São Paulo: Saraiva, 2008.

PASSARELLI, Brasilina. Aprendizagem on-line por meio de comunidades virtuais de aprendizagem. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

RECUERO, R. da C. **Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais**. Disponível em: <<http://pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf> >. Acessado em 02/05/2008.

RHEINGOLD, Howard. **La comunidad virtual: una sociedad sin fronteras**. Barcelona: Gedisa Editorial. Colección Limites de La Ciência, 1994.

VALENTE, J. A. Formação de professores: diferentes abordagens pedagógicas. In: VALENTE, J. A. (org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas, SP: Unicamp/Nied, 1999.

Enviado em: 15/03/2012

Aceito em: 23/06/2012